

## **Mídia, Esporte e Gênero: a Baixa Participação Feminina no Cotidiano Esportivo das Redações <sup>1</sup>**

Júlia da Cruz CARVALHO<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

### **Resumo**

Este artigo investiga o espaço ocupado pelas mulheres nas editorias de esporte das principais redações do país, a partir da análise de artigos publicados nos jornais *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo*. Também busca compreender de que forma o cotidiano midiático esportivo se comporta em consonância com o processo histórico-social que determina ainda hoje a exclusão das mulheres dessa área de cobertura. Foram coletados 715 textos publicados durante um mês nas editorias de esporte dos três jornais. A análise revelou que apenas 11,57% dos artigos e 7,59% das fotografias foram assinados por mulheres. Conforme os resultados encontrados na pesquisa, o jornal *O Globo* é o veículo que melhor abriu espaço para as jornalistas na área.

**Palavras-chave:** gênero; jornalismo esportivo; mídia; cotidiano.

### **Introdução**

No jornalismo brasileiro, que inicia em 1808 com a chegada da família real ao Brasil, as mulheres só assumem a direção de um jornal quase duas décadas depois, em 1827, com o surgimento de *O espelho Diamantino* (DUARTE, 2003). Ainda assim, o fato aconteceu muitos anos antes de sequer terem acesso ao ensino superior (Era Vargas 1935-1947).

O primeiro noticiário de esportes do Brasil surgiu em 1928, *A Gazeta Esportiva*, suplemento de esportes de *A Gazeta*<sup>3</sup>. Já a inserção de mulheres em definitivo em jornais esportivos ou na editoria, seguiu a “lógica da dominação” (BOURDIEU, 2002) que as acompanhou ao longo dos séculos: esperar que uma parcela significativa da sociedade,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Mídia e Cotidiano da UFF, e-mail: [juliacc3@gmail.com](mailto:juliacc3@gmail.com).

<sup>3</sup> A GAZETA. Como nasceu “o mais completo”. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/especiais/como-nasceu-o-mais-completo/>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

---

quase que hegemonicamente do gênero masculino, aceitasse que modalidades esportivas não só lhe interessavam, como também poderiam fazer parte de sua área de trabalho.

A primeira mulher a comandar um evento esportivo no rádio foi Zuleide Ranieri<sup>4</sup>, na década de 1970, 40 anos depois da primeira transmissão esportiva no país, protagonizada pelo narrador Nicolau Tuma, em 1931, pela Rádio Educadora Paulista. Na década de 1980, Regiane Ritter se tornou uma das primeiras repórteres de campo (PEDROZA, 2017).

Na televisão, os pioneirismos femininos também aconteceram de forma tardia: Mylena Ciribelli iniciou a apresentação de boletins dos Jogos Olímpicos de Seul e de Fórmula 1, em 1988, pela TV Manchete (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017) e Luciana Mariano se tornou a primeira narradora de futebol da televisão brasileira, em 1997, na TV Bandeirantes. Ainda assim, repórteres como Isabela Scalabrini, que atuava na TV Globo desde 1980 e fazia matérias para o Globo Esporte de diversas modalidades esportivas, não cobria futebol, que tinha cobertura reservada unicamente aos homens da redação (BAGGIO, 2012 apud OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2017).

No campo textual do jornalismo esportivo, objeto de estudo deste artigo, a primeira jornalista brasileira contratada para escrever matérias esportivas foi Maria Helena Rangel, que ocupou uma cadeira em *A Gazeta Esportiva* entre 1948 e 1953<sup>5</sup>. Atualmente, no Brasil, 64% dos profissionais dentro das redações são mulheres, segundo a Federação Nacional dos Jornalistas (MICK; LIMA, 2013). Na editoria esportiva, o cenário muda. Sabe-se que, mundialmente, apenas 8% dos textos jornalísticos no esporte são assinados por jornalistas mulheres (HORKY; NIELAND, 2011). A pesquisa foi feita em 22 países, incluindo o Brasil. Embora, sob o aspecto quantitativo, sejamos maioria no exercício de atividades jornalísticas, a desvantagem numérica na área esportiva evidencia que não se trata de uma igualdade. Ainda existe um critério de gênero dentro das redações, responsável pela manutenção de papéis sociais e que legitima o esporte como trabalho masculino (BANDEIRA, 2019).

---

<sup>4</sup> JORNAL PARAÍBA. Narrador da Rede Globo: mulher na narração é caminho sem volta. Jornal. Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/2021/06/narrador-da-rede-globo-mulher-na-narracao-e-caminho-sem-volta/>>. Acesso em 11 ago. 2021.

<sup>5</sup> PORTAL IMPRENSA. Por Cristiane Prizibisczki. Maria Helena Rangel: Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início. Disponível em: <[https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio/](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio/)>. Acesso em: 04 ago. 2021

---

A introdução tardia das mulheres no jornalismo esportivo (PEDROZA, 2017), fez com que a literatura esportiva também fosse tentáculo da manutenção androcêntrica que envolve o jornalismo esportivo e suas relações de gênero. O retrospecto inicial de toda a editoria de Esporte é contado por escritores homens, sem qualquer crítica ou incômodo pela falta de mulheres nessas ocupações.

Um exemplo da diferença numérica entre homens e mulheres nessa literatura pode ser comprovado por dados do Museu do Futebol - instituição referência na pesquisa sobre o esporte no país -, inaugurado na cidade de São Paulo em 2008, e cuja missão, segundo descrição de seu próprio plano museológico, é preservar, investigar e divulgar “indicadores de memória, históricos e contemporâneos, do fenômeno futebol, incluindo seus desdobramentos”. Ele conta com 3.739 títulos em seu acervo bibliográfico, entre livros, trabalhos acadêmicos, artigos e produção do Museu do Futebol. Desse total, apenas 20% do material é de autoria de mulheres, o que corresponde a 750 trabalhos. Os 2.697 títulos restantes, 80% do material, são de autores homens. O levantamento dos dados foi solicitado ao museu por esta autora. Percebe-se, portanto, que houve menos espaço sendo oferecido às mulheres para escrever sobre o cenário esportivo.

Ante ao exposto, o objetivo deste artigo é analisar o espaço dado às mulheres dentro da editoria de Esporte nos três jornais de referência no país. Para tal, foram analisadas as publicações feitas no caderno esportivo dos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*. Para análise e efeitos de contagem, além das reportagens, também foram consideradas notas e colunas sobre esporte. Entre o período considerado para análise, de 07 de junho de 2021 até 07 de julho do mesmo ano, o número de textos obtidos foi de 715, sendo 290 oriundos do *O Globo*, 208 da *Folha* e 217 do *Estado*.

### **Gênero e cotidiano esportivo das redações**

Conforme conceituação de Gerda Lerner (2019, p. 289), gênero é “a definição cultural de comportamento definido como apropriado aos sexos em dada sociedade, em determinada época”. Ou seja, quando papéis culturais atravessam o que entendemos por aspecto biológico. Cotidianamente, esses papéis definidos pelo gênero para mulheres consolidaram não só a opressão e exploração da classe, como também moldaram a estrutura social em prol de uma dominação paternalista, que é a visão distorcida de que direitos - como ao estudo, ao trabalho e à liberdade de escolhas - deveriam pertencer

---

somente aos homens. Apesar dos avanços significativos na pauta, que passam sobretudo sobre os direitos legais alcançados pelas mulheres, a realidade ainda caminha distante do que entendemos por justo.

Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), natural do Rio Grande do Norte e uma das primeiras feministas do país, foi uma das mulheres que estendeu o conhecimento que tinha às companheiras, escrevendo, entre outras coisas, sobre a ruptura de limites ao gênero e o direito ao trabalho (DUARTE, 2003). No ocidente, o campo jornalístico tomou forma durante o século XIX, a partir de processos como o capitalismo e a industrialização, além da necessidade da imprensa como uma mídia de massa (TRAQUINA, 2005). No jornalismo esportivo, objeto de estudo deste trabalho, as pioneiras na área e os movimentos que buscam por visibilidade feminina no cenário esportivo tornam possíveis os avanços de representação na mídia hegemônica, ainda amparada na construção de um cotidiano que evidencia uma divisão sexual do trabalho (SAFFIOTI, 1987).

Na década de 1930, há registros de que Ana Amélia redigia crônicas esportivas, única mulher à época, mas que não produzia matérias informativas (BUENO, 2018). Em 2021, pela primeira vez na história, a TV Globo, principal emissora de televisão do país, contratou duas mulheres para narrar jogos de futebol e reforçar a equipe de jornalismo esportivo da emissora. O pioneirismo foi de Renata Silveira<sup>6</sup>, que estreou em 10 de março narrando a disputa entre Moto Club e Botafogo. A jornalista contou com comentários de Paulo Vinícius Coelho (PVC) e Renata Mendonça, contratada pela emissora em 2020. A segunda contratação aconteceu dois meses depois, em maio de 2021. Natália Lara, que já havia participado da primeira transmissão de NBA no Brasil 100% feminina, pela ESPN, foi a segunda mulher a narrar futebol na Globo, em 30 de maio de 2021. A partida foi entre Ceará e Grêmio, que também contou com comentários de Paulo Vinícius Coelho, além de Paulo Nunes, durante a transmissão.

Apesar disso, a cultura androcêntrica do futebol e o empenho da comunicação de massa em reforçar padrões masculinos ainda reverbera na sexualização da mulher durante exercício de sua função e nas opiniões carregadas de machismo, dos colegas e dos telespectadores. O machismo é definido como uma ideologia “de supremacia masculina, de superioridade masculina e de crenças que a apoiem e sustentem” (LERNER, 2019).

---

<sup>6</sup> GLOBO ESPORTE. Ser pioneiro(a) em alguma coisa é fantástico. Boa sorte, Renata Silveira! Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/de-peito-aberto-por-casagrande/post/2021/03/09/ser-pioneiroa-em-alguma-coisa-e-fantastico-boua-sorte-renata-silveira.ghtml>>. Acesso em: 31 jul. 2021.

---

Uma consequência dele para mulheres que atuam na área esportiva, é de jornalistas serem noticiadas desviando de tentativas de beijos<sup>7</sup> por parte de torcedores durante a gravação de matérias. Como identificado, o jornalismo e o esporte “constituem duas instituições historicamente masculinizadas, binárias e heteronormativas, veiculando e contribuindo para a manutenção de representações sobre o que é ser feminino e masculino a partir dessas referências” (BUENO, 2018).

Se as coisas permanecerem iguais, precisaremos de mais 67 anos para alcançar a igualdade de gênero nos meios de comunicação tradicionais. O dado é do Projeto de Monitoramento de Mídia Global, que estuda a discriminação de gênero na mídia e nos meios de comunicação. "Os contrastes entre as representações jornalísticas de homens e de mulheres em posições de poder parecem comprovar a permanência de ideais passados no presente" (NASCIMENTO, 2018, p. 106). Essa diferença socialmente construída se torna fundamento aparentemente natural da visão social que a alicerça (BOURDIEU, 2002). Pensar a ausência de mulheres no esporte, enquanto atletas, consumidoras ou profissionais, é investigar sobretudo a exclusão legal e simbólica que privilegiou e ainda privilegia esses espaços aos homens sob aspecto de dominação.

Se tantas posições dificilmente são ocupadas por mulheres é porque elas são talhadas sob medida para homens cuja virilidade mesma se construiu como oposta às mulheres tais como elas são hoje. Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo. (BOURDIEU, 2002, p.74).

Apesar disso, para quebrar a lógica de dominação é preciso entender que o processo de transgressão na temática atravessa necessariamente o cotidiano jornalístico, uma vez que "o preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos" (HELLER, 2000, p. 43). O cotidiano é construído a partir de interações mediadas por mensagens (FRANCO, 2005). Logo, esse cotidiano jornalístico, que ainda é influenciado por definições paternalistas, carece de reformulações em funções essenciais, de incômodo pela evidente ausência de distribuição igualitária entre gêneros na área e, portanto, de abertura efetiva ao campo em questão.

A vida cotidiana não se resume no aqui e agora. Ao contrário, é, sobretudo, fruto de um longo, conflitivo e complexo processo histórico e social. Portanto, para

---

<sup>7</sup> GLOBO ESPORTE. Lamentável! Torcedor tenta beijar repórter da Globo na Rússia: "É horrível. Eu me sinto indefesa". Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/lamentavel-torcedor-tenta-beijar-reporter-da-globo-na-russia-triste-que-isso-ainda-aconteca.ghtml>> Acesso em: 01 ago. 2020.

---

compreender as situações que ocorrem cotidianamente, é indispensável considerar que essas situações ocorrem em determinado ambiente (situações, espaços temporais específicos) e no bojo de certos campos de interação pessoal e institucional que, por sua vez, são mediados por modalidades técnicas de construção e transmissão de mensagens, cada vez mais complexas nos dias atuais (FRANCO, 2005, p. 30-31).

O campo teórico desta pesquisa vai ao encontro de uma análise prática do cotidiano jornalístico na área esportiva, na qual é possível observar a desigualdade de gênero nas redações brasileiras. Esse cotidiano é marcado pelo protagonismo masculino, independente de modalidade esportiva sobre a qual se discorra. Torna-se claro, portanto, que pensar o cotidiano jornalístico é pensar a construção de nossa própria história. Os fenômenos que emergem na cotidianidade são determinantes e nada triviais nas transformações – ou inércia – num dado momento histórico.

## **Metodologia**

A presente pesquisa teve como proposta investigar o espaço dado à mulher no jornalismo esportivo em redações brasileiras, considerando o processo histórico-social no qual é construído o cotidiano do jornalismo. Foram escolhidos para análise os jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* que configuram como os três primeiros jornais de referência do Brasil, conforme apontado por Barsotti (2017).

Durante um mês, entre 7 de junho e 7 de julho de 2021, todos os textos publicados nas editorias de Esporte - reportagens, colunas ou notas - foram coletados e analisados a partir de aspectos previamente definidos: assinatura de artigos, título do artigo, modalidade tratada no texto e assinatura das fotografias (quando existiam). Para examinar os 715 itens obtidos, utilizou-se o método quantitativo estatístico e a análise de conteúdo, sendo a unidade de análise o espaço da mulher no jornalismo esportivo.

A análise de conteúdo assenta-se nos pressupostos de uma concepção crítica e dinâmica da linguagem. Linguagem, aqui entendida, como uma construção real de toda a sociedade e como expressão da existência humana que, em diferentes momentos históricos, elabora e desenvolve representações sociais no dinamismo interacional que se estabelece entre linguagem, pensamento e ação (FRANCO, 2005, p. 14).

Os métodos de análise de conteúdo possuem três campos, sendo eles: métodos lógico-estéticos e formais; métodos lógico-semânticos; e métodos semânticos e

semânticos estruturais. Para esta pesquisa, será usado o terceiro, que faz fronteira com a tradição hermenêutica. Sobre ele, infere-se: “Essa metodologia de análise deve ser considerada como uma das dimensões do exercício de compreensão e interpretação a ser enfrentado pelo analista social, uma vez que não exclui radicalmente uma análise lógica, formal e objetiva.” (FRANCO, 2005, p. 30).

Para descobrir a quantidade de mulheres que assinaram as publicações nos jornais durante o período definido, criou-se a categoria “assinatura de textos”. Para descobrir a quantidade de mulheres que receberam crédito pelas fotografias veiculadas, foi criada a categoria “assinatura das fotografias”. Além dessas, outras também foram criadas: nome do repórter ou da repórter, título do texto e modalidade esportiva da cobertura.

A partir do método quantitativo-estatístico, aplicou-se o teste de qui-quadrado de independência e o de aderência. qui-quadrado é “a distância quadrática entre os valores da amostra e da amostra de referência, ponderada pelos valores esperados sob a hipótese de que a estrutura de probabilidades fornecida é correta” (ARTES, 2017, p. 3).

O teste de independência analisa a associação entre duas variáveis categóricas. Aqui, ele foi aplicado para avaliar se há associação entre os gêneros e os jornais e/ou modalidades esportivas. Já o de aderência, configura a testagem de hipóteses a fim de verificar se uma base de dados adere a uma probabilidade (OLIVEIRA, 2016). Na presente pesquisa, foi feito para atestar ou refutar a significância das hipóteses.

Logo, a partir da obtenção do valor  $p$ , que indica a probabilidade teórica aqui desenvolvida, concluiu-se sobre a consistência dos dados. É importante destacar que, quando  $p < 0,05$  os dados possuem significância. A partir dos testes feitos é possível comparar se as proporções observadas se ajustam a uma proporção hipotética.

## **Análise e resultados**

O jornal *O Globo* foi o periódico que mais ofereceu conteúdo esportivo aos assinantes, 290 ao todo, enquanto a *Folha e o Estadão* ofereceram 208 e 217, respectivamente. Das 715 matérias, apenas 398 foram assinadas por jornalistas, sendo 343 por homens, 45 por mulheres e 10 pelos dois ao mesmo tempo (para interpretação dos dados, optou-se pela exclusão da quantidade de assinaturas categorizadas como mista, isto é, assinadas, a mesma matéria, por homens e mulheres). Quando havia fotografias junto aos textos, a contagem também era feita. Ao final, somou-se 380 matérias com pelo



menos um elemento visual. Dessas, há 318 matérias com fotografias creditadas, sendo 292 com fotos feitas por homens, 24 por mulheres e 2 fotos de ambos gêneros num mesmo texto. É importante destacar que as matérias assinadas por mulheres podem ter sido assinadas em conjunto com outras mulheres e as matérias assinadas pelos homens podem ter sido assinadas em conjunto com outros homens. Uma semelhança inerente aos três jornais é a quantidade de artigos sem assinatura, 44,20%, o que demonstra a grande quantidade de notas publicadas.

No jornal *O Globo*, 24 homens diferentes assinaram pelo menos um texto, em conjunto ou não. A quantidade de mulheres diferentes que assinam equivale a um terço da quantidade de homens: oito. As duas mulheres que mais vezes assinaram textos somam, juntas, 28 artigos assinados (16 da jornalista A e 12 da jornalista B). Sozinho, o homem (aqui classificado por C) que mais assinou textos tem um a mais assinado de que A e B juntas, 29. Na *Folha de São Paulo*, 25 homens diferentes assinaram pelo menos um texto no período investigado. O número de mulheres, por sua vez, é de dez. Juntas, as dez mulheres aparecem em 18 textos. Enquanto isso, o jornalista homem mais creditado aparece em 15 textos.

*O Estado de São Paulo* é o veículo com números mais distantes entre os gêneros. Entre os textos creditados, 22 homens e 5 mulheres diferentes aparecem pelo menos uma vez assinando os artigos. O número de textos assinados por D, jornalista homem que mais aparece com matérias assinadas, é de 16. A mulher que mais vezes assinou no Estadão, fez isso três vezes. Nos dados referentes ao veículo *O Estado de São Paulo*, impressiona o fato de apenas quatro textos, em 217 publicados, terem assinaturas de mulheres.

Por outro lado, a melhor média de equilíbrio feminino em um único dia está no jornal *O Globo*: das nove matérias publicadas em 6 de junho pelo veículo, quatro tiveram assinaturas de mulheres (tabela 1). É possível considerar ainda que, dos três jornais, *O Globo* também é o que melhor abriu espaço para as jornalistas. A jornalista A, considerada pela pesquisa a mulher que mais assinou textos no período de análise, pertence ao veículo. Ela assinou 16 vezes, número igual ao do jornalista D, de gênero masculino, que mais assinou matérias no Estadão.

Tabela 1: Melhor média de equilíbrio feminino em um único dia é do jornal O Globo

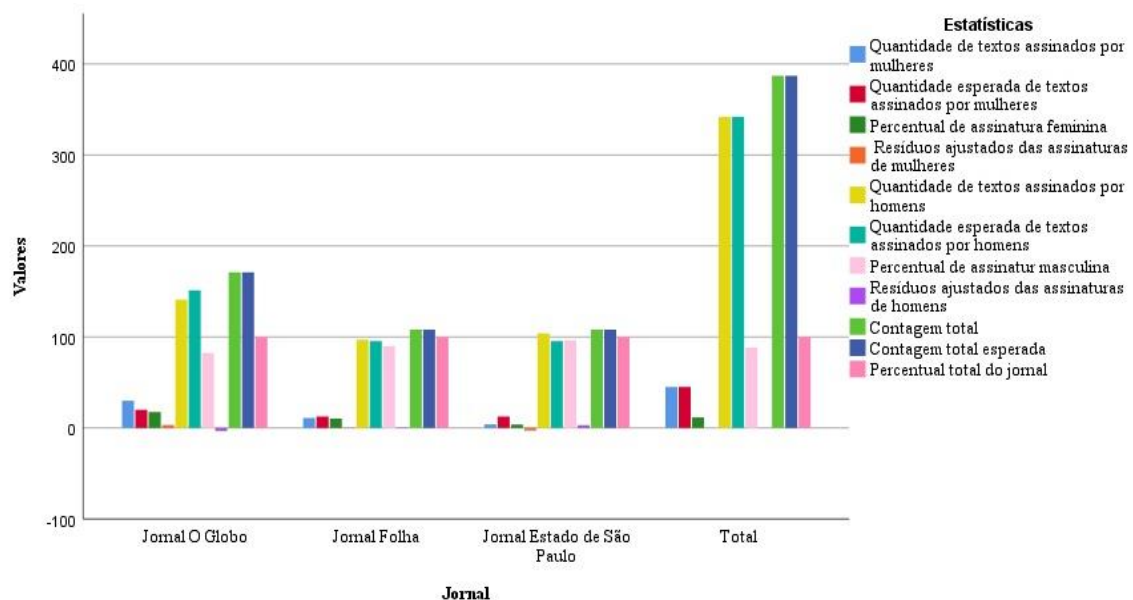
Jornal O Globo	Mulheres	Homens	Sem assinatura	Total
06/06/2021	4	2	3	9

Fonte: dados da pesquisa, 2021. Elaboração própria.



É possível dizer, portanto, que a proporção de homens e mulheres assinando os textos varia de acordo com o jornal (gráfico 1). No jornal *O Globo* essa representatividade corresponde a 17,5% das matérias assinadas. Na *Folha*, o percentual cai para 10,2%. O *Estadão* possui o pior índice: apenas 3,7% das matérias assinadas foram escritas por mulheres. Para entender como essa diferença se dá, observa-se o resíduo padronizado ajustado de cada jornal. Quando o resíduo é maior do que -1,96 ou maior de que 1,96, consideramos que a diferença é significativa. *O Globo* e o *Estadão* são os jornais que possuem resíduo superior, sendo 3,2 e -3, respectivamente. Isso quer dizer que o fato do *O Globo* possuir resíduo maior do que 1,96 - e positivo - indica que existem mais mulheres assinando matérias do que seria o esperado. Já o *Estadão*, que possui resíduo superior a 1,96, - mas negativo -, tem menos mulheres assinando textos do que seria esperado. A *Folha de São Paulo*, por sua vez, possui resíduo ajustado de -0,6, portanto, menor do que o valor de corte estabelecido. Logo, o número de mulheres assinando os textos está próximo ao esperado. É importante frisar que o valor esperado não se refere a uma possível igualdade de gênero. O teste parte da hipótese de que proporções entre homens e mulheres são diferentes, mas analisa se essa discrepância é idêntica nos três jornais.

Gráfico 1: Associação entre assinaturas de matérias por gênero e jornais analisados



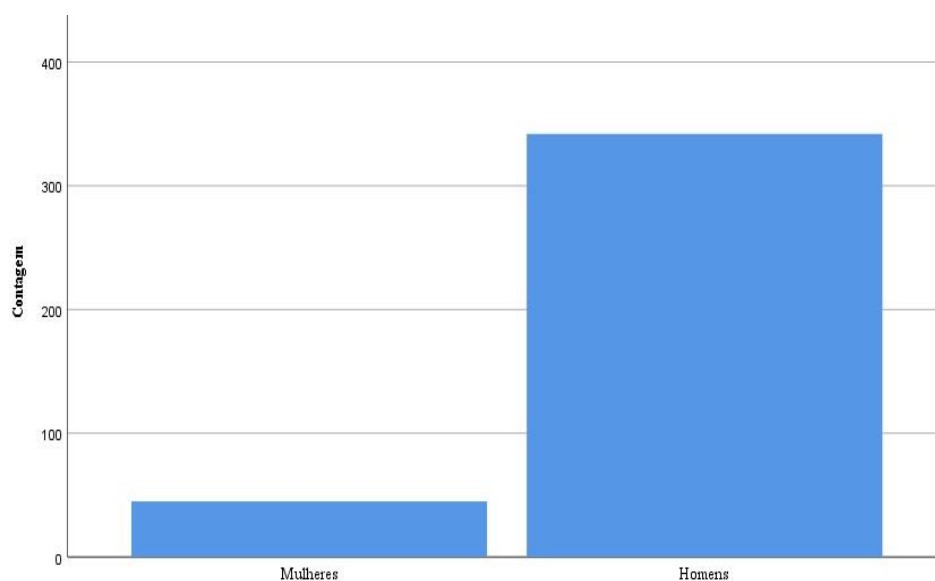
Fonte: dados da pesquisa, 2021. Elaboração própria.

Do total de artigos analisados, apenas 11,57% é assinado por mulheres. A partir desse dado, é possível observar o campo jornalístico sob a perspectiva da desigualdade de gênero nas redações esportivas do Brasil. O cotidiano das redações é marcado por uma maioria masculina, que produz e assina textos jornalísticos mais vezes. É evidente que o processo histórico contribuiu para as questões aqui em debate, uma vez que a própria construção de atividades esportivas no Brasil é marcada por proibições ao gênero feminino, incluindo o futebol, da qual foram privadas da prática por lei, entre 1932 e 1979.

Partindo da pesquisa da FNJ, no qual se aponta que 64% dos profissionais dentro das redações são mulheres (MICK; LIMA, 2013), é possível inferir que, se não existisse uma questão de gênero impactando a editoria esportiva, naturalmente uma parcela significativa das matérias seria assinada por mulheres.

Como já explicado durante a metodologia, o ponto de corte considerado na pesquisa para atestar o nível de significância dos dados é de  $p < 0,05$ . Como no teste feito para analisar a proporção de textos escritos por mulheres e homens, achou-se que  $p < 0,001$ , é consistente dizer que existe uma diferença de impacto na proporção dessas assinaturas. Considerando apenas os artigos assinados, o número total de textos é de 387, dos quais 45 foram assinados por mulheres e 342 por homens. A proporção entre os gêneros esperada, conforme mostra o teste, está distante do cenário encontrado: esperava-se que pelo menos 193 mulheres assinassem matérias.

Gráfico 2: Assinatura de textos por gênero

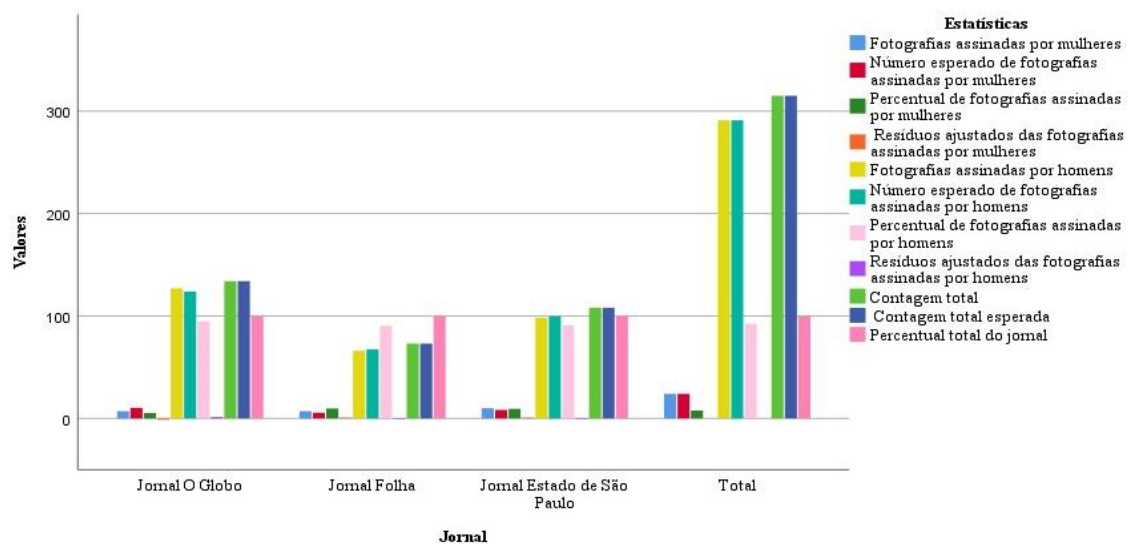


\*Das 388 matérias assinadas, 45 foram escritas por mulheres e 343 foram escritas por homens.

Fonte: dados da pesquisa, 2021. Elaboração própria.

Entre os 715 textos, pelo menos 380 têm pelo menos um elemento visual. Das 316 fotografias creditadas, 292 foram feitas por homens e 24 por mulheres. A partir dos testes, também é possível inferir que a proporção de fotos assinadas por homens e mulheres é estatisticamente diferente, além de significativa, uma vez que  $p < 0,001$ . Apesar disso, o viés de gênero na assinatura das fotos não varia de jornal para jornal. Isto é, não existe igualdade de gênero entre as assinaturas de fotografias em nenhum dos jornais analisados e a proporção entre os veículos, nessa questão, é parecida.

Gráfico 3: Associação entre gênero de assinatura das fotografias e jornais analisados



\*Proporção de fotos assinadas por homens e mulheres é significativa, uma vez que  $p > 0,001$ .

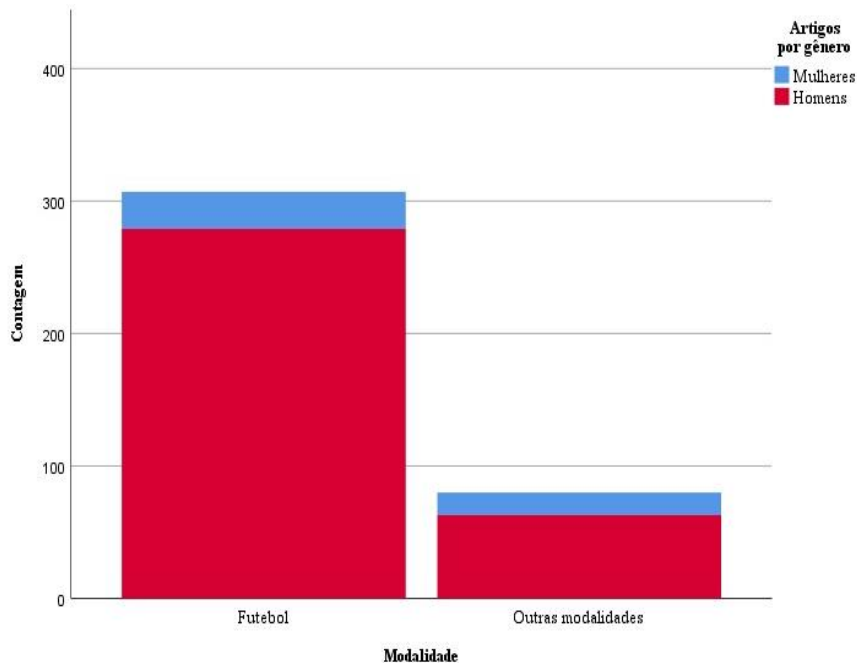
Fonte: dados da pesquisa, 2021. Elaboração própria.

Também não há dúvidas sobre o assunto priorizado nas matérias esportivas: cerca de 75,5%, têm por temática o futebol. São 539 textos abordando o esporte mais popular do país e 175 sobre outras modalidades. Na tabela abaixo, é possível comparar as proporções de assinatura de matérias por gênero com as modalidades tratadas nos textos. Nota-se, portanto, que 45 mulheres escreveram matérias. Dessas, 28 escreveram sobre futebol e 17 sobre outras modalidades. Entre os homens, por sua vez, 342 assinaram matérias. Dessas, 279 tratavam sobre futebol e 63 sobre outras modalidades.

No total, houveram 307 matérias sobre futebol e 80 sobre outras modalidades. Além disso, é possível inferir a seguinte observação: dentre as matérias de futebol, as assinaturas de homens correspondem a cerca de 91%, enquanto a de mulheres é de 9%.

Já para outras modalidades, a assinatura dos jornalistas homens corresponde a cerca de 79%, enquanto a das mulheres é de 21%. Logo, é possível dizer que homens assinam mais matérias na editoria esportiva, independente da modalidade. Apesar disso, a diferença entre homens e mulheres assinando matérias diminui quando observadas modalidades que não sejam o futebol.

Gráfico 4: associação entre artigos assinados por gênero e modalidade esportiva



\*Como o valor de  $p$  é 0,005, há evidência de que existe uma associação entre o gênero de assinatura das matérias e as modalidades.

Fonte: dados da pesquisa, 2021. Elaboração própria.

A associação entre modalidade e gênero é fundamental para entender o protagonismo masculino independentemente do esporte sobre o qual se escreva. Homens escrevem mais para a área esportiva, inobstante o esporte tratado, e também possuem mais fotos sendo utilizadas em textos. O jornalismo esportivo nas principais redações brasileiras é, majoritariamente, feito por homens.

### Considerações Finais

Apesar do significativo avanço feminino, a presença das mulheres nas redações esportivas ainda é baixa, secundarizada e impacta a construção da literatura feminina na área esportiva. O pioneirismo das mulheres foi e é fundamental no processo de desconstrução paternalista que guiou o jornalismo esportivo ao longo de décadas. As

primeiras repórteres esportivas estimularam a entrada de mulheres no campo e em diferentes funções, possibilitaram a criação de veículos de comunicação especializados na cobertura de mulheres e feito por mulheres, além de garantir a discussão sobre igualdade de gênero no jornalismo esportivo. E a editoria de esporte ainda é, sobretudo, masculina.

A partir desta pesquisa e dos dados aqui apresentados, é possível perceber que a estrutura que distancia o cenário de equidade no jornalismo esportivo também é construída no cotidiano das redações, moldado por práticas de submissão. A realidade brasileira é similar ao encontrado no cenário mundial (HORKY; NIELAND, 2011), o que atesta a relevância da discussão, tanto para o campo jornalístico, como também para o campo feminista.

Os próximos passos da pesquisa contemplarão uma análise qualitativa dos dados, a partir de entrevistas em profundidade semiestruturadas com jornalistas que atuam nas redações dos jornais *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, e foram selecionadas e selecionados a partir de critérios definidos com base nas interpretações de dados feitas na presente pesquisa. “É indubitavelmente claro que não é possível compreender as notícias sem uma compreensão da cultura dos profissionais que dedicam as suas horas e, às vezes, as suas vidas, a esta atividade” (TRAQUINA, 2005, p. 14).

Antes dos anos 70, observar mulheres na área esportiva era quase impossível. (COELHO, 2009). Mas isso precisa ficar no passado. Nelson Traquina (2005) pondera que os jornalistas precisam comunicar através das fronteiras de classe, étnicas, políticas e sociais existentes em uma sociedade, e essa heterogeneidade a qual se pretende atingir, deve também ter espaço para alcançar as mulheres.

Espera-se que a partir dos dados obtidos neste trabalho seja possível refletir sobre caminhos para uma efetiva igualdade de gênero no jornalismo esportivo e uma sociedade menos machista em qualquer um de seus setores.

## Referências

A GAZETA. **Como nasceu “o mais completo”**. Disponível em: <<https://www.gazetaesportiva.com/especiais/como-nasceu-o-mais-completo/>>. Acesso em: 24 jul. 2020.

ARTES, Rinaldo. **Teste Qui-quadrado de aderência**. Instituto de Ensino e Pesquisa, 2014.

---

BANDEIRA, Ana Paula Bornhausen da Silva. **Jornalismo e feminização da profissão: um estudo comparativo entre Brasil e Portugal.** Tese de Doutorado em Comunicação apresentada à Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2006.

BARSOTTI; Adriana. **Primeira página: do grito no papel ao silêncio no jornalismo em rede.** Tese de Doutorado - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017, p. 330.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRUM, Adriana; CAPRARO, André Mendes. **Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”?** **Revista Movimento.** Escola de Educação Física da UFRGS. Porto Alegre, UFRGS, 2015.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo.** São Paulo: Contexto, 2009.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no jornalismo esportivo.** 2015. 99 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil.** 2003. Estudos Avançados. Minas Gerais, USP, 2003.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo.** Liber Livro Editora, 2005.

GLOBO ESPORTE. **Ser pioneiro(a) em alguma coisa é fantástico. Boa sorte, Renata Silveira!** Globo Esporte. Ecaterimburgo, 24 de junho de 2018. Esporte. Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/de-peito-aberto-por-casagrande/post/2021/03/09/ser-pioneiroa-em-alguma-coisa-e-fantastico-boa-sorte-renata-silveira.ghtml>> Acesso em: 31 jul.2020.

GLOBO ESPORTE. **Lamentável! Torcedor tenta beijar repórter da Globo na Rússia: "É horrível. Eu me sinto indefesa".** Globo Esporte. Ecaterimburgo, 24 de junho de 2018. Esporte. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/lamentavel-torcedor-tenta-beijar-reporter-da-globo-na-russia-triste-que-isso-ainda-aconteca.ghtml>> Acesso em: 01 ago.2020.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

---

HORKY, Thomas; NIELAND, Jorg-Uwe. **ISPS 2011 First Results of the International Sports Press Survey**. Koln: German Sport University Cologne, 3 out. 2011. Disponível em: <[http://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG\\_Nieland-Horky\\_ISPS\\_2011\\_3.10.2011\\_final.pdf](http://www.playthegame.org/fileadmin/image/PTG2011/Presentation/PTG_Nieland-Horky_ISPS_2011_3.10.2011_final.pdf)>. Acesso em: 22 de jul. 2020.

LERNER, Gerda. **A Criação do Patriarcado**. São Paulo: Cultrix, 2019

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

NASCIMENTO, Daniela Reis do. Belas, **recatadas e do lar? Performances de intimidade na disputa de sentidos sobre ser mulher**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: UFF, 2018.

OLIVEIRA, Ana Paula; OLIVEIRA, Nathalia Lainetti. A mulher no jornalismo esportivo. **Revista Observatório**. Palmas, Universidade Estadual de Londrina, 2017.

PEDROZA, C. L. S. **Mulheres no jornalismo esportivo: os desafios e dificuldades da profissão**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

PORTAL IMPRENSA. Por Cristiane Prizibiszki. **Maria Helena Rangel: Há 60 anos, a presença feminina no jornalismo esportivo tinha início**. Disponível em: <[https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas\\_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio/](https://portalimprensa.com.br/noticias/ultimas_noticias/11769/maria+helena+rangel+ha+60+anos+a+presenca+feminina+no+jornalismo+esportivo+tinha+inicio/)>. Acesso em: 04 ago. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRINDADE, Luciano. **Narrador da Rede Globo: mulher na narração é caminho sem volta**. Jornal Paraíba online.com.br, 2021. Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/2021/06/narrador-da-rede-globo-mulher-na-narracao-e-caminho-sem-volta/>>. Acesso em 11 ago. 2021.